



Rede CFES
Formação e Assessoria Técnica
Sudeste

Relatório de Atividades Formativas Projeto Rede CFES-Sudeste

1. Identificação do Convênio e Atividade:

Título do Projeto: CENTRO DE FORMAÇÃO E APOIO A ASSESSORIA TÉCNICA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA – REDE CFES/SUDESTE	
Número do Convênio: (775193/2012)	Nº Processo: (47975.000624/2012-15)
UF: São Paulo	Município: Guarulhos
Meta: 3	Etapa: 3.1
Carga Horária Prevista: 16h	Participações Previstas: Mariana Giroto Maria Neucélia dos Santos
Atividade: Oficinas locais/territoriais	
Data: 29 e 30 de julho de 2015	

2. Organização e acompanhamento:

Como foi o processo de organização da atividade ? Houve participação do Coletivo estadual de Formação ? O planejamento da oficina foi feito por representantes do Coletivo com o articulador local o planejamento da Oficina
Entidade parceira responsável pela execução estadual: NESOL-USP
Nome da pessoa responsável pelo relatório: Ana Luzia Alvares de Laporte
Nome do(a) representante do IMS que acompanhou a atividade:

3. Situação de desempenho do projeto quanto aos beneficiários (previstos e alcançados):

Características dos Beneficiários	Nº Previsto		Nº Alcançado		
Pessoas Físicas	Direta	Indireta (x 4)	Direta		Indireta (x 4)
	Nº	Nº	Nº	%	Nº
Homens	8	32	6	21,5	24
Mulheres	27	108	22	78,5	88
Total	35	140	28	100	112
Coletivos e organizações	Direta	Indireta (x 4)	Direta		Indireta (x 4)
	Nº	Nº	Nº	%	Nº
Empreendimentos econômicos Solidários (EES)	27	32	20	71,5	80
Outras (Entidade de Apoio e Fomento, Órgãos Governamentais)	8	108	8	28,5	32
Total	35	140	28	100	112

Famílias beneficiadas pelos EES	Direta	Indireta	Direta		Indireta
	Nº	Nº	Nº	%	Nº
Famílias beneficiadas pelos EES	Não se aplica		Não se aplica		
Total					

4. Sobre o conteúdo da atividade formativa

Objetivo da atividade:

Aprofundar a formação Política em economia solidária

Temática da atividade:

Formação Política em economia solidária

Coordenação da Atividade:

Coletivo Estadual de Formação

Houve colaborador (a) / assessor (a) convidado (a):

Maria Neucélia de Santos

Marcelo Bráz Garcia

Descrever a programação (passo a passo):

Dia 29/06/2015

8h30 Café da manhã

9h00 Acolhida + Apresentação do CFES +Preenchimento das fichas

10h00 Introdução à comercialização – Diferença entre preço e valor

10h30 Custos fixos e variáveis

11h00 Precificação

12h30 Almoço

13h30 Introdução à economia solidária

16h30 Fechamento

Dia 30/06/2015

8h30 Café da manhã

9h00 Dinâmica de integração

9h30 Economia solidária e Autogestão

12h30 Almoço

13h30 Dinâmica do mar bravo

14h Trabalho coletivo e Autogestão

15h30 Dinâmica sobre trabalho coletivo

16h Reunião de planejamento da próxima feira de Guarulhos

Avaliação

16h30 Fechamento

Relato do que ocorreu na atividade (passo a passo):

29/06

1. Introdução à comercialização

Divisão em grupos para discutir a diferença entre preço e valor

Preço

algo que os outros dão para o produto

relacionado aos custos

relacionado à dinheiro

Valor

só o artesão que sabe

está para além do valor monetário

O preço também está relacionado ao público alvo, em determinados lugares um produto que é ambientalmente correto não é valorizado. Por isso falamos em agregar valor, não em agregar preço. Pois o preço está relacionado com o público que vai comprar, com o contexto.

É importante conhecer diferentes feiras, pontos de venda, porque elas tem diferentes públicos.

Quarta-feira vai ter uma feira chamada: Mega artesanal, no Anhembi.

Nesse processo de agregar valor, é importante o artesão desenvolver uma *tag*, uma historinha do produto. É bacana esta história ser registrada, pois outras pessoas (que não conhecem o produtor diretamente) podem ter acesso.

Em Guarulhos temos um gargalo enorme de tecidos/retalhos jogados fora. Usar este tipo de material também agrega valor. É bacana saber do que cada tecido é feito.

Madeira é outro resíduo descartado na cidade.

Todos os produtos no Centro artesanal precisam ter tag, logo e preço.

A embalagem também agrega valor, ela ser ecologicamente correta. Exemplos de um grupo que usa como embalagens papéis de pão customizados e a Cooperativa de Iguape que usa sacolas de jornal.

2. Custos Fixos e Variáveis

Cálculo de custos

Importância das compras planejadas, para não ter muitas perdas. Não adianta comprar muito de um material que está em promoção sem planejamento, pois este pode ficar parado.

Custos fixos

São custos que não variam de acordo com a quantidade que produzimos. Para um empreendimento de costura temos os seguintes exemplos:

- água
- luz
- telefone
- aluguel
- impostos
- aluguel da máquina de cartão
- taxa de participação em feira fixa

Custos variáveis

Custos que variam segundo a quantidade produzida
ex:

- porcentagem sobre as vendas em cartão
- matéria prima
- etiqueta
- embalagens

3. Precificação

Cálculos com exemplo:

Luminária de bambú – 80 reais – (produzida por um participante da Oficina)

TABELA 1		
	Custo proporcional ao preço (venda no cartão)	2,5%
	Preço líquido 1	78,00
Custos Variáveis	Rabicho	12,00
	bambu	2,00
	verniz	0,20

	durepox	0,30
	arame	0,2
	embalagem	0,06
	serra	0,10
	TOTAL Custo variável	15,00
	Margem de contribuição	63,00
Custo Fixo	Depreciação equipamentos	2,92
	Remuneração	1000
	ISS	55,00
	Limpeza feira	20,00
	MEI	40,00
	gasolina	20,00
	Participação na feira Guarulhos/ Compra de material	50,00
	Total Custos Fixos	1288,32
Ponto de Equilíbrio	$1288,32/63 = 21$ luminárias	

Depreciação do equipamento

exemplo da serra

valor nova: 350

valor residual: 0

tempo de duração: 10 anos

depreciação anual: R\$35,00

depreciação mensal: R\$2,92

Remuneração

É importante sabermos os nossos custos pessoais, para saber o quanto precisamos ganhar. As vezes, um determinado negócio não vai valer a pena.

Capital de Giro

É um recurso para investimento, mas não em máquinas. Este recurso precisa ter liquidez, pois é o dinheiro que vai adiantar a compra de insumos para a próxima produção. Para garantir a existência deste recurso é importante um planejamento.

Ponto de equilíbrio

A partir do cálculo do ponto de equilíbrio sabemos quantas peças precisamos produzir no mês para pagar todos os custos e a remuneração que o empreendimento precisa?

(ver tabela 1)

Discussão

- A maioria dos participantes expõe em duas feiras: de economia solidária e no festival gastronômico. Tem muitas pessoas que não sabem pôr o preço, demoram muito tempo para fazer o produto e colocam um valor muito barato.
- Quanto maior a qualidade, menos as pessoas vão questionar o preço.
- Na feira de economia solidária, as pessoas acham que o valor dos produtos tem que ser muito baixo.
- Na economia solidária trabalhamos com o preço justo.

4. Apresentação histórico do movimento de economia solidária

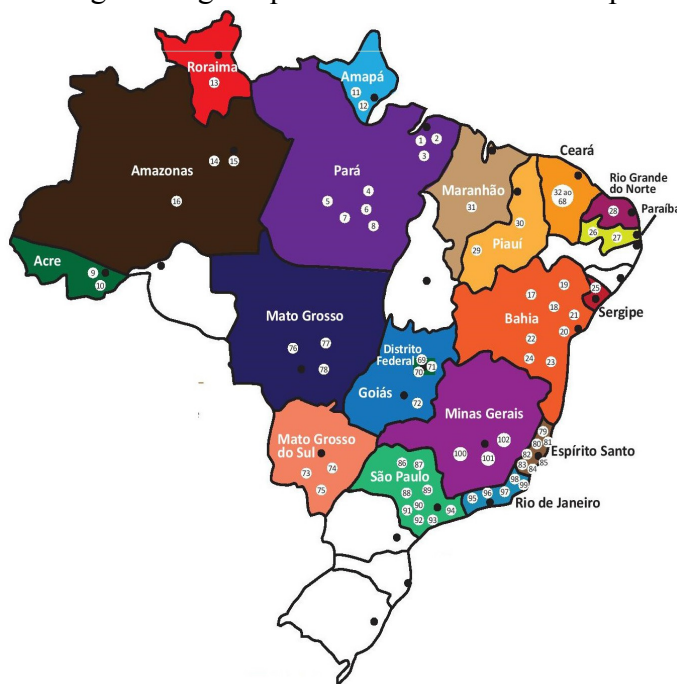
A década de 1980 é marcada pelo final da ditadura no Brasil e surgimento de organizações sociais (como MAB e MST), com grandes mobilizações populares, que também se relacionam com a construção da Constituição Federal de 1988. Essa emergência das mobilizações sociais somada à uma grande crise econômica e desemprego compõem o caldo histórico a partir do qual a economia solidária emerge no Brasil.

Dentre as primeiras experiências do movimento estão a das fábricas recuperadas, como a da Usina Catende e da CooperMinas. Ambas são experiências de cooperativas formadas a partir da recuperação pelos trabalhadores das empresas falidas.

Também nos anos 1990 houve a primeira edição da Feira de Santa Maria, feira de economia solidária que acontece anualmente, desde 1994. Do mesmo período também são as primeiras experiências de cooperativas do MST e a campanha da Cidadania de Betinho, a partir da qual se formou a primeira incubadora universitária de cooperativas.

É a partir dos encontros do Fórum Social Mundial que os diversos atores da economia solidária (ligados a igreja, MST, sindicato, universidade, sociedade civil, etc) se articulam nacionalmente. O I FSM foi em 2001, quando foi realizada a atividade “Economia popular solidária e Autogestão: novas formas de geração de trabalho e renda” durante 2 dias, com 1500 participantes. As articulações seguiram no ano seguinte no II FSM e levaram, em 2003, a constituição do Fórum brasileiro de economia solidária e da SENAES, junto ao MTE.

O movimento é formado por empreendimentos de economia solidária, entidades de apoio e fomento e gestores públicos que atuam em diversas áreas. Estes se articulam a partir de fóruns municipais, estadual e do brasileiro. A seguir imagem que mostra os estados e respectivos fóruns municipais.



5. Os princípios da economia solidária

Foram distribuídos os princípios entre os participantes que comentaram o princípio que receberam.

1. Autogestão

Histórico da autogestão. O conceito está relacionado às respostas dos trabalhadores à exploração capitalista. Assim, surgiram as primeiras formas de trabalho coletivo e autogestionário. As cooperativas entendem que para que haja autogestão, ou seja, uma gestão horizontal, as decisões precisam ser coletivas.

Em geral estas decisões são tomadas em assembleias, onde todos podem falar e cada cabeça tem direito a um voto. Assim, independente de quantas cotas a pessoa tem (do capital), cada pessoa tem direito a um voto. Esta relação de autogestão no trabalho significa que não há patrões, nem empregados. Todos são donos e trabalhadores ao mesmo tempo.

A autogestão, além das cooperativas ocorre em diversas formas de organização social. No Brasil, por exemplo, ocorreu durante as greves que questionavam os sindicatos durante a ditadura, reivindicando que as decisões sobre a greve deveriam ser tomadas pelos comandos de greve das fábricas e não pelos sindicatos.

2. Democracia

A democracia está muito além do voto, ou da política partidária. Está relacionada ao exercício cotidiano da política, que é o que ocorre em uma cooperativa, ou nos outros EES da economia solidária.

3. Cooperação

Esta cooperação é entre os membros do empreendimento, mas também para fora deles. Porque para que a economia solidária realmente promova uma transformação é preciso que a cooperação se expanda. Não é possível ser cooperativo dentro do EES e competitivo para fora.

Somos educados a ser competitivos na escola, no trabalho, no cotidiano. Assim, a expansão da cooperação também demanda um outro tipo de educação, ocorre aos poucos.

4. Centralidade do ser humano

No capitalismo a centralidade está no dinheiro, tudo gira em torno do lucro. Para a economia solidária a centralidade está no ser humano, em sua satisfação e no desenvolvimento de suas potencialidades. Assim, entra na pauta a saúde e bem estar dos trabalhadores, a vida digna, etc.

5. Valorização da diversidade.

A economia solidária valoriza a diversidade dentro dos EES e na sociedade. Existem redes de diferentes setores como de mulheres, da saúde mental e grupos das comunidades tradicionais. É salientada a importância de valorizar estas diferenças para construir um outro projeto de sociedade.

6. Emancipação

É um pouco do que esta oficina vem buscar. A economia solidária visa fortalecer o espaço para trabalhar, tirar da miséria e da informalidade. Independência econômica, política e social, é coletivamente que se consegue.

7. Valorização do saber local

A valorização dos saberes locais reconhece que o conhecimento construído no cotidiano dos EES e das comunidades é muito valioso. É a partir desses conhecimentos e não do voltado para as empresas, visando aumentar o lucro, que será possível construir novas relações entre os homens e dos homens com a natureza.

8. Aprendizagem e formação permanentes.

A formação não se resume a um curso, é constante, cotidiana. Sempre precisamos dar continuidade.

9. Justiça social na produção, comercialização, consumo, financiamento e desenvolvimento tecnológico

Está relacionado com, por exemplo, o conceito de preço justo.

É importante sabermos de onde vêm nossos insumos, para, por exemplo, não comprarmos tecido com trabalho escravo. Não adianta ter justiça só em uma parte da cadeia.

Neste princípio também aparece a importância de abranger todas as atividades econômicas, como o financiamento. Existem os Bancos Comunitários, como o Banco União Sampaio, que atua com o direito

ao crédito e também trabalham com uma moeda local.

O desenvolvimento tecnológico também é um tema importante, pois em geral, as pesquisas não se reverterem para a sociedade, mas para as empresas.

As pessoas que trabalham com reciclagem tem muitas ideias. Em Guarulhos tem um inventor caseiro que fez uma máquina de forma independente que processa os materiais reciclados.

10. Cuidado com o meio ambiente

Este princípio fala da importância em ter práticas cotidianas que garantam a sustentabilidade atual e das futuras gerações.

1. Economia solidária e autogestão

Apresentação de tarjetas, de forma dialogada:

1. *economia solidária é uma nova forma de:*

- *trabalhar*
- *produzir*
- *distribuir*
- *consumir*
- *financiar*
- *dar crédito*

2. *Quem pensa e quem faz o trabalho*

1. *No capitalismo*

- *quem pensa o trabalho e decide como vai ser feito não são os mesmos que o executam*

2. *Na economia solidária*

- *Pensar e fazer o trabalho andam juntos*

3. *O que é autogestão*

- *cooperação entre as pessoas*
- *decisão coletiva*
- *participação de todos*
- *gestão compartilhada*
- *todos são iguais*

Autogestão é um modelo interessante, mas difícil de ser executado.

É importante desenvolver as ideias no grupo, mas também dar espaço para desenvolvê-las no âmbito individual e, depois, desenvolver mais com o grupo.

Dificuldade de aceitar não ter chefe, muitas pessoas acham que o EES vai perder o controle se não tiver um cabeça.

O artesanato é uma atividade mais individual, como fazer o trabalho coletivo?

- A produção é individual, mas a comercialização é coletiva. O grupo da feira tem um regimento, uma coordenação, para que cada um tenha um papel, responsabilidade.
- O regimento são os acordos, o acúmulo das discussões do grupo. O que queremos? Vai ter som? Como vai ser a limpeza? O caixa vai ser único? Em Osasco o caixa é único, então eles fazem um rodízio nas vendas.
- Outras coisas que dá pra fazer coletivamente é comprar matéria-prima. A produção é individual, mas dá pra fazer várias coisas juntas. Mas, o grupo precisa discutir, ninguém vai chegar e dizer como o grupo vai se organizar.

Contradição

- *empregados X donos*
- *colegas X sócios*

- *executar X planejar*
- *tomar decisões + ser patrão X mais trabalho + cansaço*
- *cooperação X competição*

Quando você é empregado cria a ilusão de que por conta própria vai trabalhar menos, mas trabalha até mais.

Dentro de uma empresa temos que cumprir as tarefas, sem autonomia.

A gestão compartilhada existe também dentro da casa de cada um. Porém, na casa os pais bancam, então mandam mais. Quando as crianças crescem e ajudam a pagar as contas também vão participando mais das decisões.

Conflitos

- *Nem sempre é negativo*
- *Pode significar:*
 - *abertura para diferentes opiniões*
 - *maior liberdade e coesão do grupo*
- *O processo de resolução dos conflitos é muito importante para o fortalecimento das relações do grupo*

Onde tem gente tem conflito, as pessoas não pensam igual, tem criações e ideias diferentes.

No grupo da feira de Guarulhos já fazem coisas coletivamente, como um cuidar da barraca do outro.

As pessoas também ensinam umas às outras e divulgam o trabalho dos companheiros.

Alguns produtores expõe juntos, exemplo em que uma artesã faz as coisas e a outra faz as bonecas e os cenários para expor as caixas.

O grupo da feira tem que fazer a gestão da feira, mas também pode investir coletivamente em tornar a feira um evento. No último curso do CFES fizemos um desfile de moda coletivamente. Isso ajudou nas vendas e foi uma experiência muito divertida

Autogestão é um processo

- *autogestão não é algo que se conquista e pronto*
- *Não é um ponto final a que esperamos chegar, é um exercício diário, individual e coletivo*

2. Trabalho coletivo e Autogestão

Discussão de questões com o grupo

1) O que sentiram de mudança pessoal, depois que começaram a participar do EES?

Você deixa de ser individualista, de ser a funcionária e começa a pensar de uma forma diferente. As pessoas ajudam, acolhem.

O pensamento não muda, mas desperta o olhar mais coletivo de cada um.

O nosso cotidiano também muda.

Fazemos mais amigos, entre os artesãos e também com os clientes.

2) Quais os pontos positivos e as dificuldades de termos um Empreendimento coletivo

O tempo é nosso inimigo, principalmente para quem faz artesanato. Existem peças demoradas e é difícil fazer em grande quantidade.

O cliente é difícil, quer um produto mais personalizado e às vezes não dá pra fazer

Na organização da feira temos opiniões diferentes.

Por exemplo:

- para definir a música.
- O tema que mais rendeu debate até hoje foi o regimento, que mesmo depois de pronto ainda tinha que ser rediscutido.
- Do regimento a questão de não repetir os produtos causa polêmicas (só duas pessoas podem

vender as mesmas coisas). Muitas vezes todos só querem vender pano de prato.

- Outro conflito é o acordo de que não se pode comer dentro da bancada.
- Os horários também, para montar e desmontar. Porque a feira tem um layout e se tiver menos de 10 bancadas não montamos.
- A participação no domingo também é atrelada à participação no sábado e já houve reclamação disso

Outras questões sobre a organização coletiva da feira de Guarulhos

Na reunião fazem avaliação da última feira, discutem os problemas.

A partir deste ano, da oficina com o Tide, passaram a fazer um controle coletivo do recurso movimentado na feira.

Também passaram a fazer uma contribuição mensal, de 10 reais por mês e investiram em uma caixa de som. Antes tinham um som cedido pela prefeitura.

O artesão que chega a primeira vez contribui com 20 reais.

Na feira já conseguiram padronizar a cor das barracas e o tamanho. Cada artesão tem uma bancada.

Não há consenso sobre a padronização, tem produtos que não combinam com o laranja. Como, conversamos com o Tide, seria interessante cada um ter um banner com a história do produto/EES, mas a decoração ter a diversidade.

Poderia ter uma feira teste pra ver se a não padronização das barracas vai levar a feira a ficar mais bonita, ou mais bagunçada. Podemos fazer registros fotográficos e depois avaliar.

Tem várias feiras que tem pessoas que cuidam só da decoração das barracas, cada barraca tem uma

Ainda não conseguiram se organizar para ir visitar outras feiras.

Outra coisa é a divulgação dos grupos. Poucos colocam seu nome na divulgação.

Leitura e discussão de trecho Santa Rita e São Bernardo

(artigo Humilhação Social – um problema político em psicologia, de José Moura Gonçalves Filho.

Publicado em: Psicologia USP, vol. 9 n.2, 1998)

O texto mostra uma situação em que uma coordenadora estava dando uma de patroa, todos estavam incomodados e fizeram várias reuniões para discutir o que estava acontecendo.

Mostra como é difícil as pessoas se colocarem, que algumas demoraram para conseguir se colocar.

Estavam discutindo o papel da coordenadora. No texto eles chegaram a uma definição.

O que é a coordenação para o grupo da feira?

- Tem pessoas que esperam que o coordenador mande, o grupo, muitas vezes espera isso.
- É alguém para agente falar mal
- No texto o coordenador “é quem faz o grupo mandar no trabalho, não manda em ninguém e trabalha também”

Em muitos grupos o rodízio das funções, inclusive da coordenação, ajuda a ter mais ideia do trabalho, das dificuldades.

Rodízio de funções

- produção X vendas
- Administração X produção
- Acomodação X insegurança

Para ajudar nas relações pessoais dos integrantes é importante ter momentos de confraternização fora do espaço de trabalho também.

Descrever as místicas e técnicas participativas utilizadas:

Dinâmica de integração

Todos ficam em pé, em roda e o focalizador pega um ursinho e passa para a pessoa da direita. Cada um deve fazer o que quiser com o ursinho (beijar, cafuné, bater, etc). Depois, quando o ursinho retorna para o focalizador ele diz que cada pessoa deve fazer o que fez com o ursinho no companheiro de sua esquerda.

Está dinâmica permite a aproximação das pessoas e pode-se considerar que sugere o cuidado de uns com os outros. Naturalizamos ter pressa, não cumprimentar as pessoas. É importante ter tempo para ouvir as pessoas, ver o outro. Trabalhar não é só produzir e ganhar dinheiro, para economia solidária o trabalho está dentro de outra proposta de vida.

Dinâmica do Rio bravo

No chão está marcado um Rio, que é muito fundo, bravo e cheio de crocodilos. Terão o desafio de atravessar juntos. Todos, de uma vez só. Para isso terão algumas pedras. Quando a última pessoa entrar no rio a primeira ainda não pode ter cruzado. Precisam resolver como atravessarão coletivamente.

Discussão

Tiveram que conversar para fazer a tarefa coletivamente. Tiveram que ficar bem juntos para cruzar, se segurando um no outro, nem sempre é fácil. Pessoas que não se conheciam tiveram que se encostar.

Teve uma pessoa que queria passar nadando, andar sobre as águas.

Em nosso cotidiano também temos situações assim, em que precisamos conversar para saber como vamos atingir uma meta comum.

Dinâmica sobre trabalho coletivo (da Caneta)

O focalizador dá ao grupo uma caneta amarrada em vários barbantes. Cada pessoa segura uma ponta do barbante e o grupo se coordena para encaixar a caneta em uma garrafa.

5. Avaliação dos participantes:

Avaliação:

Rodada de avaliação dos participantes:

- A questão do cálculo do preço dos produtos foi bacana, mostrou uma maneira diferente. Também gostei muito das dinâmicas sobre o trabalho coletivo
- Ficou o aprendizado de trabalhar em grupo.
- Estamos compartilhando os conhecimento e pegando esse aprendizado mais técnico que quem deu a oficina traz. Fico feliz de ver o grupo da economia solidária crescendo, com novos artesãos. É importante dar apoio, porque sozinhos não somos ninguém.
- Gostei das discussões de hoje. Trouxe mais informações para nos capacitarmos melhor.
- Eu trabalhava no meio ambiente, aquela coisa muito certa. A economia solidária vêm como uma coisa mais leve, sem disputa.
- Foi muito produtivo. O grupo da feira está mais unido a cada dia, apesar das divergências.
- Fico contente de encontrar na Oficina pessoas interessadas
- Não conhecia a economia solidária, mas gostei do formato, da autogestão. O que é interessante é a evolução e qualificação do grupo, também para conseguir atingir mais pessoas.
- As formações com todos juntos, os novos também, fortalece e dá mais responsabilidade para o grupo.
- Convidam o Nesol para discutir, em um outro dia, as finanças solidárias. Também querem discutir o consumo solidário.
- Foi bacana a participação de outros gestores que estão se aproximando e da gestora de Guararema, também para pautar a economia solidária naquele município.
- Este ano foi o ano em que a feira cresceu mais, o grupo está conhecendo mais a economia solidária. Estamos virando mais grupo.
- A formação ajuda a ter uma visão diferente do próprio produto, para melhorá-lo.

Encaminhamentos:

Comentários e sugestões:

6. Avaliação da Entidade Parceira Estadual:

Houve dificuldades na execução da atividade ?

Não

Foram adotadas soluções para superar as dificuldades?

Quais as soluções adotadas ?

Como avalia a infraestrutura ?

Estrutura adequada para a atividade

Como avalia a participação das pessoas ?

Foram muito participativos os integrantes da Oficina

Como avalia a relação com o Coletivo/Rede Estadual de Educadores/as ?

O Coletivo (representantes) planejaram e executaram a oficina

Comentários e sugestões:

7. Sobre os produtos instrumentos de gestão do Projeto relativo à esta atividade
(Ficha de Inscrição, Ficha da participante, Lista de Presença, Modelo de Relatório, Declaração que não possui vínculo com o Poder Público, Declaração do participante (Gestor Público) que não está recebendo diárias para o evento e Autorização de Uso de Imagem):

Foram entregues todos os instrumentos? Comente/justifique:

Sim

8. Imagens (inserir algumas fotos da atividade):





Observação: ao final colocar o documento em PDF

Parceria



Realização



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego

